

Falando sério: sem desculpas

PAUL TOUGH

(Publicado do New York Times em 7 de julho de 2011)

Há cerca de dez anos, no início do movimento de reforma da educação, ouvia-se frequentemente a frase “Nenhuma desculpa”. Com ela, os reformistas rebatiam o argumento, longamente utilizado por burocratas e educadores complacentes, de que estudantes pobres não conseguiriam atingir os mesmos níveis de formação de outros estudantes de melhor condição econômica. Os líderes reformistas, ao contrário, insistiam em que estudantes do sul do Bronx, por exemplo, poderiam atingir o mesmo nível escolar que os de uma região chique, como Scarsdale. E muitas vezes as pessoas se surpreenderam com os resultados de testes realizados em escolas de bairros de baixa renda, que chegaram a impressionar pais de alunos de escolas em áreas afluentes.

Dez anos mais tarde, você poderia pensar que os reformistas venceram. Estimulados por iniciativas niveladoras do Governo Obama, muitos estados já aprovaram leis há muito defendidas, permitindo a criação de mais escolas públicas especializadas e independentes (charters), enfraquecendo as posições de professores protegidos pela estabilidade e remunerando professores com base no desempenho de seus alunos. Mas, na verdade, o clima nos meios reformistas é de crescente ansiedade e cautela.

No mês passado, Diane Ravitch, uma especialista em educação, tida como a mais poderosa voz crítica do movimento de reforma escolar, escreveu um texto sustentando que manter altos níveis de eficiência em escolas de bairros muito pobres é muito mais difícil e menos comum do que os reformistas alardeiam. Quando os políticos utilizam escolas específicas em bairros de baixa renda como casos de sucesso, escreveu ela, os sucessos, após exames mais acurados, mostram ser menos espetaculares do que parecem. Ravitch citou, nesse caso, a escola Bruce Randolph, em Denver, Colorado, que o presidente Obama incluiu em seu recente discurso sobre o Estado da União como um exemplo “do que boas escolas podem fazer”. E também as Academias Urban Prep, de Englewood, em Chicago (escolas de preparação para o ensino superior), elogiadas pelo secretário (ministro) da Educação, Arne Duncan. Cada uma delas diplomou uma porcentagem muito elevada de seus alunos do ensino médio, mas, segundo Ravitch, os

resultados dos testes mostraram que os estudantes ficaram abaixo da média nos conhecimentos acadêmicos básicos, necessários para o sucesso na universidade e na vida.

A reação foi rápida e dura. Duncan disse que Ravitch "insultou todos os esforçados professores, diretores e estudantes do país, que todos os dias provam que ela errou". Jonathan Alter, colunista da cadeia noticiosa Bloomberg, escreveu que ela "enlameou os reformistas" e, mais tarde, quando ele e Ravitch apareceram juntos em um programa de rádio de Denver, acusou-a de "abuso de estatísticas", em sua análise os resultados de testes nas escolas.

O secretário Alter, por sua vez, disse que os resultados da escola Bruce Randolph "não devem ser comparados aos de outras escolas de bairros ricos do Colorado". Segundo ele, é o mesmo que "comparar maçãs com laranjas". Para Alter, deve ser julgado o fato "impressionante", de que na nona série da escola as taxas de eficiência na escrita dobraram desde 2007, passando de 7% para 15% dos alunos e que em matemática essas taxas passaram de 5% para 14%.

Logo em seguida, o fundador das Urban Prep, Tim King, no Huffington Post, defendeu sua escola das acusações de Ravitch. Admitiu que apenas 17% dos alunos de sua 11ª série passaram no teste feito em todo o Estado de Illinois no ano passado, enquanto nas escolas públicas de Chicago como um todo, a proporção comparável foi de 29%. Mas usando metáfora semelhante à de Alter, escreveu que Ravitch "comparou maçãs com grapefruits", assinalando que quase todos os alunos das Urban Prep são homens negros de famílias de baixa renda e, assim, não podem entrar "nos padrões das crianças de toda Chicago".

Obviamente, são desculpas. Na verdade, são as mesmas desculpas para o fracasso que o movimento reformista foi criado para combater. E não apenas se desculpam; também não são particularmente persuasivos. Sob qualquer avaliação razoável, os alunos da Bruce Randolph foram muito mal. A média de resultado no teste da ACT (organização educacional independente, cujo teste corresponde ao ENEM) foi de 14 pontos, a segunda média mais baixa de qualquer escola de ensino médio de Denver, Colorado. Os alunos foram classificados entre os 10% que obtiveram a nota mais baixa do ACT em todo o país. Na "middle school" (que corresponde à sexta e sétima séries do ensino fundamental), as avaliações baseadas em resultados múltiplos globais colocam os alunos no primeiro percentual em lei-

tura e escrita (o que significa que 99% dos alunos das escolas do Colorado estão obtendo as melhores notas), e no quinto percentual em matemática.

Quando às Urban Prep, dados demográficos demonstram que os alunos dessas escolas não estão em desvantagem em relação aos melhores alunos, levando em consideração a população dos alunos da cidade como um todo: 84% dos seus alunos são de baixa renda e 99,8% não são brancos, enquanto nas escolas públicas de Chicago 86% dos alunos são de baixa renda e 91% não são brancos.

Pode-se discutir sobre frutas o dia inteiro, mas uma resposta mais produtiva seria retomar o princípio de que apenas 15% ou 17% de competência não é índice suficientemente bom, não importa onde você viva. Reconhecer esse fato não quer dizer que a reforma está condenada, não é culpar os alunos ou insultar professores. É apenas lembrar que os 83% por cento de estudantes da 11ª. série em Prep Urban e os 85% da nona série em Bruce Randolph que não passaram nos testes estaduais, merecem mais e melhor.

Então, por que alguns reformistas recorrem a desculpas? Muito provavelmente pela mesma razão que os educadores urbanos de uma geração anterior se desculparam: educar com sucesso um grande número de crianças de baixa renda é muito, muito difícil. Mas não é impossível, como os próprios reformistas têm demonstrado, repetidamente, em pequena escala. Para alcançar o sucesso em todo o sistema, porém, é necessário uma mudança de estratégia.

Os objetivos dos defensores das reformas são, na maioria dos casos, meritórios. Os contratos devem, sim, ser renegociados para que os melhores professores recebam incentivos para ensinar nas escolas mais pobres; os sistemas de ensino devem, sim, ampliar a jornada escolar e o ano escolar para alunos de baixa renda, como muitas escolas charter de sucesso têm feito. Mas estas mudanças não são suficientes. Como Paul Reville, o secretário de Educação de Massachusetts, escreveu recentemente na Semana da Educação, as estratégias tradicionais de reforma "não irão, de um modo geral, permitir a superação das barreiras para o aprendizado dos alunos em condições de pobreza". Os reformistas também precisam tomar medidas concretas para tratar toda a gama de fatores que mantêm o atraso dos estudantes pobres. Isso não significa esperar sentados por utópicas transformações sociais. Significa levar para as salas de aula estratégias específicas, baseadas em intervenções fora da sala de aula: trabalhar intensamente com as

famílias menos favorecidas para melhorar ambientes domésticos para crianças pequenas; fornecer educação de alta qualidade na primeira infância para crianças de famílias mais necessitadas; e, quando as aulas começarem, proporcionar aos estudantes pobres um eficaz sistema de apoio emocional e psicológico, além, naturalmente, do apoio acadêmico.

Os reformistas muitas vezes descrevem esses esforços como uma forma de perturbar a sua agenda - algo para alguém diferente cuidar, enquanto eles fazem o trabalho real de luta com os sindicatos de professores. Mas, na verdade, essas estratégias são essenciais para o sucesso do movimento de reforma escolar. Fingir que não são é apenas outro tipo de desculpa.

*Paul Tough, é escritor, especialista em Educação, autor de "Whatever It Takes: Geoffrey Canada Quest to Change Harlem and America", sobre o trabalho do ativista e educador negro Geoffrey Canada. Seu próximo livro, "The Success Equation", será publicado no próximo ano.*

## Cheira a Espírito de Escola

Publicado no New York Times em 30 de junho de 2011

Por DAVID BROOKS

Diane Ravitch é a historiadora educacional mais ativa dos EUA. Ela foi um dos cérebros do movimento de reforma educacional – que dá ênfase às escolas públicas especializadas e independentes (charter schools), testes de avaliação e prestação de contas. Ao longo dos últimos anos, porém, tornou-se a crítica mais veemente do movimento.

Ela divulga constantes livros, artigos, ensaios e discursos, incluindo participação no recente Festival de Ideias de Aspen, Colorado. É vigorosa, persuasiva, mas há partes de sua nova mensagem que são difíceis de assumir. Ravitch é rápida em chamar de fraudadoras e gananciosas as pessoas que não concordam com seu pensamento. Ela seleciona os estudos que cita, mesmo aqueles que fogem aos padrões normais das pessoas que estão tentando evoluir.

Ela se converteu aos grupos mais avessos a mudanças dentro dos sindicatos de professores. Acha que não há crise na educação; que a pobreza é o verdadeiro problema, não as escolas ruins; que o país não precisa de uma reforma fundamental; e, principalmente, que é necessário dar aos professores mais dinheiro e segurança no trabalho.

Apesar disso, Ravitch levanta algumas questões sérias.

Mais importante, ela está certa de que o ensino é uma arte humana, construída sobre relacionamentos afetivos entre professores e alunos. Entende que se você orientar o sistema exclusivamente em torno de uma série de avaliações de desempenho de múltipla escolha, você irá distorcê-lo.

Quando os testes padronizados são priorizados, as escolas são incentivadas a deixar de ministrar matérias não incluídas nestes testes, e que, no entanto, possibilitam aos alunos tornarem-se indivíduos mais completos - como, por exemplo,

história, poesia, arte, e esportes. Pode-se criar escolas cuja ênfase está em passar nos testes e não num aprendizado genuíno. As escolas podem acabar sendo incentivadas a entrar no jogo do sistema, manipulando, por exemplo, alunos que possam reduzir a média dos resultados, para que deixem a escola.

Em resumo, Ravitch chama atenção para um fator chave. Ensinar é humano, testar é mecânico.

Isto é verdade, mas observem quais escolas se encontram mais distorcidas em razão dos testes. Na qualidade de blogger educacional, Whitney Tilson chama atenção para o fato de que as escolas que melhor representam o movimento de reforma, como por exemplo as academia KIPP ou as escolas Harlem Success, enfatizam enormemente os testes. Mas estas escolas também são o lugar em que os alunos têm maior chance de participar de atividades como jogar xadrez e receber aulas de dança. Lá existe maior possibilidade de lerem Shakespeare e discutirem sobre filosofia e física.

Nestes locais, os testes não são um fim em si mesmos, mas uma alavanca para o processo de mudança, um meio de medir a mudança. Mas são apenas uma peça, dentro de uma missão mais ampla, que pode envolver o currículo de Conhecimento Essencial (Core Knowledge) criado por E.D. Hirsch, ou formação do caráter, ou talentos artísticos. Mas a missão transcende o teste. Essas escolas estão cientes do tipo de formandos que querem produzir. As escolas mais centradas em responsabilidade também são as mais vivas.

Porém, ao contrário das afirmações de Ravitch, estes locais não estão apenas selecionando os melhores alunos. Na Urban Prep Academy de Chicago, que Ravitch considera um exemplo de falsa história de sucesso, mais de 15% dos alunos são especializados. E 90% dos alunos da primeira turma estavam abaixo do nível em leitura.

Igualmente ao contrário das afirmações da especialista, centenas destas escolas conduziram seus alunos a trajetórias muito diversas daquelas que seriam previstas pela simples observação de suas raízes sócio-demográficas. Outra especialista, Caroline Hoxby demonstrou com seriedade bons resultados oficiais em Nova York. Desde 2007, as escolas de Nova Orleans dobraram o percentual de alunos apresentando resultados de nível de competência básico ou acima. As escolas de

Nova Orleans estão se desenvolvendo mais rápido do que as de qualquer outro distrito no estado.

Os locais em que o teste desgastante teve o pior efeito não são as escolas associadas com os reformistas, mas as que não foram tocadas por eles. São escolas medíocres, sem líderes fortes e sem missões vibrantes. Nestes locais, é obvio que a ética de ensinar para testar prevalece.

Ravitch acha que a solução é se livrar dos testes. Mas é um caminho que só levaria a uma letargia e mediocridade perpétua. A verdadeira resposta é manter os testes e responsabilidade, mas certificando-se de que cada escola tenha um sentido claro de missão, um principio e uma cultura moral forte que se faça sentir ao se chegar na sua porta.

A tese de Ravitch é de que os Estados Unidos têm escolas locais humanizadas que estão ameaçadas por fanáticos por testes. O fato é que várias escolas ficaram espiritualmente exauridas e até os grandes professores estão lutando numa cultura inerte. São os reformistas que normalmente criam a paixão, usando os testes como alavanca.

Se a sua escola ensina para testar, não é culpa do teste, mas sim dos diretores.